

# TERRITÓRIO E ETNICIDADE

## TERRITORY AND ETHNICITY

Miriam Oliveira Santos<sup>1</sup>

SANTOS, M. O. Território e etnicidade. **Akrópolis** Umuarama, v. 17, n. 2, p. 101-109, abr./jun. 2009.

**RESUMO:** Nosso objetivo neste artigo é pensar o território enquanto produto da apropriação de um segmento do espaço por um dado grupo social, que permite que nele se estabeleçam relações políticas, afetivas, identitárias e de pertencimento. Analisaremos particularmente o caso da imigração italiana para a região nordeste do Rio Grande do Sul. As metodologias utilizadas foram a etnografia e a pesquisa bibliográfica e nossos dados apontam para uma íntima relação entre o território e a identidade étnica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Território; Etnicidade; Imigração.

**ABSTRACT:** Our goal in this article is to think of territory as a product of ownership of a spatial segment by a given social group which enables political, emotional, identity and belonging to be established. We particularly analyze the case of the Italian immigration to the Northeast of Rio Grande do Sul. Ethnography and literature review were the methodologies used. Our data indicate a close relationship between territory and ethnic identity.

**KEYWORDS:** Territory; Ethnicity; Immigration.

<sup>1</sup>Graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004).

## INTRODUÇÃO

O território enquanto produto da apropriação de um segmento do espaço por um dado grupo social, permite que nele se estabeleçam relações políticas, afetivas, identitárias, de pertencimento. Interessa-nos analisar a apropriação do território urbano de Caxias do Sul por uma elite formada principalmente por descendentes de imigrantes italianos e a justaposição de identidades que ocorre ali: são, ao mesmo tempo, brasileiros, gaúchos, “italianos” e ítalo-gaúchos.

Ítalo-brasileiro será utilizado nesse texto como categoria analítica, visto que, na região, utiliza-se preferencialmente ítalo-gaúchos ou “italianos”, mesmo para os descendentes, mas alguns de nossos entrevistados de classes sociais privilegiadas utilizam também o termo ítalo-brasileiros. Na literatura acadêmica sobre a região encontramos todos os termos citados anteriormente e ainda ítalos, descendentes de italianos e colonos de origem italiana. Em 1955, Thales de Azevedo anotou em seu caderno de campo: “*Basta falar com alguns deles, para logo, na sua simplicidade, responderem à pergunta donde são naturais, para dizer: ‘sou italiano de Caxias’.*” (1994, p.211) Podemos dizer que ainda hoje esta afirmação é verdadeira. Vários dos nossos entrevistados, especialmente as pessoas mais simples, declaravam-se italianos.

Neste caso, em função das particularidades da imigração italiana para Caxias do Sul, a cidade funciona como base para um movimento de reivindicação da identidade ítalo-brasileira, sua constituição e negociação como uma estratégia de manutenção da distintividade e, também, como um símbolo de classificação social.

É importante salientar que, aquilo que genericamente chamamos de “Imigração Italiana” tem muito pouco de homogêneo, apresentando diversas especificidades, em função de locais de origem do imigrante, geografia, clima, inserção econômica etc. Muitas vezes é mais fácil encontrar semelhanças entre a imigração italiana e alemã para o Rio Grande do Sul, do que entre a imigração italiana para São Paulo e para o Rio Grande do Sul.

Mesmo dentro do Rio Grande do Sul deparamos com diferenças significativas entre o desenvolvimento de Caxias do Sul e o da 4ª Colônia de imigração italiana.<sup>2</sup> Por outro lado, podem ser encontradas semelhanças com cidades de colonização alemã, mesmo em outros estados, como, por exemplo, Blumenau, em Santa Catarina, onde, analogamente

a Caxias, instaurou-se uma forte burguesia comercial e industrial vinculada à colonização e que incentivou a manutenção de uma distintividade baseada na etnicidade.

A cidade de Caxias do Sul é frequentemente apontada como um modelo da imigração italiana para o Rio Grande do Sul. No entanto, é preciso considerar que ela é vista como um padrão desejado, um exemplo a ser seguido, e não como um “tipo-ideal” weberiano, porque a colonização de Caxias do Sul possui inúmeras particularidades em relação às demais colônias instaladas no território rio-grandense.

## OS ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL

O grupo que estudamos surge em função da imigração italiana para o Rio Grande do Sul, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX.

A colonização italiana e alemã no Rio Grande do Sul fez parte de um projeto geopolítico do governo imperial brasileiro, que utilizava a imigração para preencher os vazios demográficos do Sul do país. Ela foi pensada como um processo de substituição, não só do trabalho escravo pelo trabalho livre, mas, principalmente, como uma substituição do negro escravo pelo branco europeu, em um processo de colonização baseado na pequena propriedade. Neste contexto, a escravidão era vista como uma forma arcaica de produção, que não se coadunava com a modernidade, enquanto a colonização era vista como um processo civilizatório.

Os italianos foram escolhidos porque houve privilegiamento da imigração européia, e o processo de recrutamento para a colonização no norte da Itália passa a ser mais efetivo quando se torna mais difícil trazer alemães, que eram vistos como agricultores eficientes e como o ideal para a colonização no Rio Grande do Sul (SEYFERTH, 2001).

A Itália era um dos países mais pobres e populosos da Europa, com enorme oferta de mão-de-obra. As guerras para a Unificação, a ocupação por sucessivos exércitos, o serviço militar por três anos consecutivos, foram fatores que contribuíram para a desorganização da unidade familiar de trabalho e para a pauperização do pequeno agricultor. Por outro lado, a industrialização da Itália Setentrional não era capaz de absorver toda a mão-de-obra disponível, o que explica a opção pela migração.

Essa migração de camponeses italianos deu origem, no nordeste do Rio Grande do Sul, aos *colonos*, isto é, proprietários de uma fração de terra de-

<sup>2</sup> A antiga colônia Silveira Martins, que abrange trechos do que atualmente são os municípios de Silveira Martins, Agudo, Nova Palma, Faxinal do Soturno, Ivorá, Pinhal Grande, São João do Polêsine e Dona Francisca. Situa-se no interior do estado, próximo à cidade de Santa Maria. Em Agudo e Dona Francisca a colonização foi mista: alemães e italianos.

nominada *colônia*. *Colônia* é o termo que designa, especialmente no Rio Grande do Sul, tanto na linguagem oficial como na linguagem comum, uma área de terra virgem, destinada à colonização. Essa área era dividida em lotes destinados, por concessão, a chefes de família que, para terem direito à posse plena deveriam desmatá-los, cultivá-los e pagá-los.

O município de Caxias do Sul localiza-se na encosta superior do Nordeste do RS, micro-região da uva e do vinho, a 125 km de Porto Alegre. É uma região de transição entre a planície e o planalto Rio Grandense. Apesar dos folhetos turísticos e da Secretaria Estadual de Turismo referir-se frequentemente a “Serra Gaúcha”, a região não é uma serra, do ponto de vista geográfico, mas a borda do planalto.

As principais vias de acesso ao município são as rodovias RS 122 e a BR 116 (Estrada Federal Getúlio Vargas, inaugurada em 1941 e asfaltada em 1961, no trecho entre Porto Alegre e Caxias do Sul).

Caxias do Sul é uma cidade de porte médio, uma metrópole regional, que conta com oito emissoras de rádio (4 AM e 4FM), um canal de televisão de sinal aberto, a RBS – Rede Brasil Sul de Comunicação, uma afiliada da Rede Globo, e uma operadora de TV a cabo (NET), que retransmite a programação da UCS TV, canal da Universidade de Caxias do Sul, e cinco jornais de circulação regular (um jornal diário e quatro semanários).

Utilizando como fonte os resultados preliminares do Censo Demográfico 2000, podemos afirmar que o município de Caxias possuía, na época da nossa pesquisa, 360.207 habitantes. Destes, 333.201, ou seja, 92,5%, constituíam a população urbana e 27.006, ou 7,5%, a população rural. A significativa preponderância da população urbana sobre a rural é um dos motivos pelos quais optamos por centrar este estudo no meio urbano.

Entre os anos de 1940 e 1980, a população do município de Caxias do Sul praticamente dobrou a cada década. Este crescimento se torna ainda mais significativo se considerarmos que, em 1963, foi desmembrado de Caxias do Sul o município de São Marcos. Atualmente, o ritmo do crescimento diminuiu um pouco, mas a sua taxa de crescimento anual continua alta: 2,55%, quando a média brasileira é de 1,63% e a taxa de crescimento populacional anual do Rio Grande do Sul como um todo fica em 1,22%.

Ao contrário de outros lugares da Região Sul do Brasil, onde houve influência da colonização italiana, o antigo núcleo colonial de Caxias do Sul tornou-se uma cidade de porte médio. A cidade cresceu sob

a hegemonia da população italiana e, à medida que cresceu e se industrializou, começou a atrair migrantes das regiões circunvizinhas.

Inicialmente, os migrantes eram os colonos da região rural do próprio município e de municípios vizinhos da encosta nordeste da serra gaúcha, também de origem italiana. Mais tarde esta atração se estende à população dos chamados “Campos de Cima da Serra”<sup>3</sup> e às colônias alemãs.

Caxias do Sul tornou-se um dos maiores núcleos de atividades secundárias do estado e da região, aumentando muito o seu nível de emprego industrial. Esta, no entanto, não é uma característica exclusiva de Caxias do Sul, pois, como observa Seyferth (1986, p.59), referindo-se a Santa Catarina:

A consequência mais significativa do desenvolvimento econômico das antigas colônias, em termos étnicos, foi a quebra do isolamento. A oferta de mão-de-obra atraiu não só camponeses de origem européia, mas também um contingente razoável de brasileiros. É neste contexto urbano que têm lugar as relações interétnicas e emergem as etnicidades.

Atualmente, Caxias do Sul é o segundo maior e mais influente município do Rio Grande do Sul, e o principal município da chamada “região italiana” ou “região da serra” do Rio Grande do Sul. A região é um importante pólo de fabricação de vinhos, móveis, autopeças, carrocerias, malhas e outros produtos e serviços.

No entanto, os novos “migrantes” não se misturam com os antigos moradores. Enquanto os descendentes de imigrantes italianos se concentram no centro da cidade, em seus arredores e no interior do município, a população de “pelos-duros”<sup>4</sup> procura a periferia da cidade.

Apesar de a economia caxiense estar baseada na indústria metal-mecânica, e a agricultura responder por apenas 2% da economia da região, em torno de 15 mil famílias trabalham no setor de viticultura.

Outra particularidade importante é que se, de fato, os descendentes de imigrantes italianos não são mais a maioria no total da população, continuam sendo a maioria nas classes mais altas: são eles os donos da maioria das indústrias e grandes lojas da cidade. Por toda a parte ostentam orgulhosamente nas fachadas das lojas e fábricas, os sobrenomes de seus antepassados: Eberle, Prativiera, Tramontina, Cesa, mesmo nos locais em que a gerência foi profis-

<sup>3</sup> A cidade de Vacaria e arredores. Em 1959, Azevedo (1994:334) colhia o seguinte depoimento: “Aumentam as malocas de Caxias com a vinda de gente de Bom Jesus, São Francisco de Paula e até de Santa Catarina; atração do alto salário mínimo regional”.

<sup>4</sup> “pelo-duro” é o nome dado no Rio Grande do Sul para aquele que não tem ascendência européia.

sionalizada e a família se afastou do controle direto.

As famílias italianas são as famílias “tradicionais” da cidade, os fundadores dos clubes, as damas de caridade. Enfim, para usar um termo que embora desgastado é bastante preciso, formam a “elite” local.

Utilizaremos elite aqui no sentido atribuído por Sandroni (1994, p.113):

*uma minoria influente que toma as decisões no interior de uma classe ou grupo social. Distinguem-se várias elites, abrangendo os membros dos grupos ocupacionais que possuem status elevado no conjunto da sociedade: a elite política, a elite intelectual, a elite empresarial e a elite militar estão entre as mais poderosas.*

Em relação a Caxias do Sul, podemos afirmar que as mesmas pessoas e/ou famílias costumam figurar entre os membros das elites política, intelectual e militar, o que, evidentemente, aumenta muito a sua influência sobre as decisões que afetam a vida da cidade.

## UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA DOS IMIGRANTES

Em uma linha de raciocínio muito parecida com a que Weber (1997b) aponta para os protestantes, os descendentes de italianos de Caxias do Sul acreditam que a sua posição privilegiada na cidade é fruto, tanto de seu trabalho, quanto das bênçãos de Deus. A riqueza e prosperidade é vista como um sinal indiscutível da preferência de Deus. Os descendentes de italianos da cidade pensam-se enquanto uma elite, dando a esse termo um sentido bastante próximo ao que ele tinha durante a Idade Média: consideram-se os eleitos de Deus.

Mills (1968, p.23) assinala que:

As pessoas com vantagens relutam em se considerarem apenas pessoas com vantagens. Chegam a definir-se prontamente como intrinsecamente dignas daquilo que possuem; chegam a acreditar-se como constituindo ‘naturalmente’ uma elite; e na verdade consideram seus bens e seus privilégios como extensões naturais de seu ser de elite. Nesse sentido, a idéia de elite como composta de homens e mulheres com um caráter moral mais apurado é uma ideologia da elite em sua condição de camada dominante privilegiada(...).

Do mesmo modo, a valorização do trabalho é apontada como uma outra diferença entre os descendentes de italianos e os “brasileiros”. O trabalho é visto como uma “vocaçãõ” e contribui para que encontremos na região o mesmo comportamen-

to que Weber apontava entre os puritanos no início do capitalismo: “*trabalhadores sóbrios, conscientes e incomparavelmente industriais, que se afeitam ao trabalho como uma finalidade desejada por Deus.*” (WEBER, 1997b, p.127).

A rigor, não poderemos falar em grupo étnico no caso dos descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul, mas a região apresenta certa distintividade cultural em relação à cultura nacional.

No entanto, boa parte das questões pertinentes ao estudo de grupos étnicos pode ser utilizada para compreender os habitantes de Caxias do Sul e a lógica que rege as escolhas de suas insígnias de distintividade grupal. Em Barth (2000, p.32), encontramos pistas sobre como se processam estas escolhas:

*O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parece ser, em termos analíticos, de duas ordens diferentes: (i) sinais e signos manifestos, que constituem as características diacríticas que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade tratase, frequentemente de características tais como vestimenta, língua, forma das casas ou estilo geral de vida; e (ii) orientações valorativas básicas, ou seja, os padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas. Uma vez que pertencer a uma categoria étnica implica ser certo tipo de pessoa e ter determinada identidade básica, isto também implica reivindicar ser julgado e julgar a si mesmo de acordo com os padrões que são relevantes para tal identidade.*

Na cidade de Caxias do Sul, a ênfase é, sobretudo, nas orientações valorativas básicas, pois ser ítalo-gaúcho, ou “de origem” italiana, remete a um determinado tipo de comportamento: trabalho duro, honestidade, religiosidade, moralidade. E apesar de nos últimos anos o estudo da língua italiana, e a participação em corais e grupos de dança com vestimenta típica terem se transformado em atividades bastante valorizadas, o que continua sendo basilar para o pertencimento é o aspecto moral.

Entretanto, embora o aspecto moral seja fundamental, a distinção se baseia na reivindicação de uma origem étnica específica, por parte dos descendentes dos imigrantes italianos chegados a Caxias do Sul a partir de 1875. A reivindicação progressiva desta distinção é formulada especialmente por parte dos residentes na zona urbana do município.

De um modo geral, a imigração italiana no Brasil é tratada como uma imigração dirigida para São Paulo, com a função de substituir o braço escravo na lavoura de café e a imigração para o Rio Grande do Sul aparece como secundária.

No caso dos estudos sobre o assunto, produzidos no Rio Grande do Sul, especialmente quando



feitos por descendentes de imigrantes italianos, observamos o fenômeno oposto. Analisando estes estudos, temos a sensação de que a imigração italiana para o Brasil dirigiu-se apenas para o Rio Grande do Sul.

Sobre esta bibliografia, podemos dizer que uma historiografia local, com textos mais descritivos do que analíticos, surge nas colônias alemãs, no final do Século XIX, e nas italianas, no início do século XX e é retomada nas últimas duas décadas deste século, especialmente de 1975 em diante, em função das comemorações do centenário da imigração. Exemplo deste tipo de bibliografia são os álbuns comemorativos dos 50, 75 e 100 anos da imigração, bem como as biografias e autobiografias de imigrantes.

Os primeiros textos que se referem especificamente à colonização italiana no Rio Grande do Sul são os álbuns comemorativos dos 50 e 75 anos da Imigração Italiana, nos quais predomina o elogio do “pioneirismo”. Mas é a partir do Centenário da Imigração, que ocorre em 1975, que os estudos sistemáticos sobre a imigração e a colonização se impõem.

Em um artigo sobre as análises de caráter nacional, Goldman e Neiburg (1999) alertam para o perigo de incorporar o senso comum ao pensamento científico, sem uma análise crítica. É o que nós encontramos em parte da intelectualidade de Caxias do Sul, que utiliza sua autoridade “científica” para ratificar o que o senso comum afirma sobre a região. São trabalhos científicos, na sua maioria publicados por uma editora universitária, mas, como ressalta Maestri (2003), mesmo em se tratando de estudos acadêmicos, eles estão impregnados de um sentimento laudatório.

Em vários trabalhos, especialmente aqueles escritos por imigrantes ou seus descendentes, encontramos uma reificação do conceito de cultura, e uma naturalização do senso comum de que a cultura “está no sangue”. Este tipo de visão também aparece em vários depoimentos e entrevistas que coletamos.

Stuart Hall afirma que existe atualmente uma desintegração das identidades nacionais, pela tendência da homogeneização cultural da globalização. Em função disto, há um reforço das identidades nacionais e outras locais e particularistas, em virtude da resistência ao processo de globalização. Como síntese deste choque, as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades, que ele chama de híbridas, estão tomando o seu lugar (HALL, 1999). Com estas afirmações, Hall nos dá pistas interessantes e inovadoras para compreender o contexto cul-

tural que observamos em Caxias do Sul, como parte de um processo mundial, em que culturas locais e nacionais se mesclam com aspectos novos trazidos pela globalização e resultam no que o autor vai chamar de “culturas híbridas”.<sup>5</sup>

Encontramos, em Caxias do Sul, uma cultura que não é gaúcha, nem brasileira, nem italiana, mas uma mistura das três. É uma cultura local, dentro da cultura regional; uma subcultura dentro da cultura gaúcha. Azevedo (1994, p.72) observa que existem ali valores “coloniais”, isto é, “*reelaboraões da experiência européia no meio colonial*”.

Hall também nos auxilia a perceber que a revalorização da cultura italiana e de uma “diferenciação” cultural que os descendentes de italianos, habitantes da cidade de Caxias do Sul, pretendem ter, em relação aos demais “brasileiros”, não é um fenômeno apenas local, inserindo-se em um contexto mundial de valorização das identidades locais.

Acreditamos que a cultura seja um elemento reapropriado e que não pode ser pensado como uma totalidade teórica. Por isto, buscaremos analisar como as identidades dos imigrantes italianos e seus descendentes são socialmente construídas através da noção de cultura compartilhada. É importante lembrar que existe um duplo estatuto na questão da identidade. De um lado, é um processo em construção e, de outro, é alguma coisa substantiva na qual os agentes sociais decidem acreditar.

Reafirmamos que o grupo estudado não constitui um grupo étnico no sentido tradicional do termo, mas, da mesma forma que Seyferth (s/d, p.25) assinala para os teuto-brasileiros, “isto não significa a inexistência do fato étnico”. Em Caxias do Sul, também encontramos “*uma identidade básica que se expressa através de diferenças culturalmente dadas, e que podem ser assumidas como limites grupais*”. (SEYFERTH, s/d, p. 25)

Alguns autores, como Cohen, afirmam que a identidade étnica está ligada a interesses corporativos. Segundo este autor, a etnicidade é instrumentalizada e acionada nos momentos em que é relevante, e a instrumentalização política da etnicidade é usada como arma para adquirir privilégios (COHEN, 1979). No entanto, é importante lembrar que a identidade étnica até pode ser manipulada e utilizada para atingir determinados objetivos de alguns grupos corporados, mas que não se resume a isto, já que o grupo pode pré-existir ao interesse corporativo.

Muitos dos descendentes que reivindicam a identidade ítalo-gaúcha hoje o fazem por acreditar

<sup>5</sup> Cabe observar que Emílio Willems, em um trabalho no qual se propunha a observar a assimilação de imigrantes alemães pela Sociedade Brasileira, vai utilizar o mesmo termo. Para ele, os colonos alemães estavam produzindo no Brasil uma “cultura híbrida” (WILLEMS, 1980).

que esta identidade lhes agrega valor e contribui para a sua diferenciação social. Ser ítalo-gaúcho é mais valorizado do que ser, simplesmente, brasileiro.

Além disso, a partir da inserção nas redes destes grupos, as possibilidades de ascensão social ampliam, uma vez que a marca da identidade ítalo-gaúcha passa a ser um diferencial que permite ter acesso, por exemplo, à cidadania italiana, trabalho no exterior, bolsas de estudo etc. (ZANINI, 1999).

É interessante observar que a identidade reivindicada seja hifenizada pelo regional e não pelo nacional. Dificilmente alguém se apresenta como ítalo-brasileiro, mas sim ítalo-gaúcho. Além de a identidade regional gaúcha ser bem marcada, acreditamos que contribui para isto o fato de o gaúcho ser visto, pelo menos dentro do estado do Rio Grande do Sul, como superior ao brasileiro em geral.

Sobre a identidade regional gaúcha, Haesbaert (1994), falando de um outro contexto, observa que ela nada tem de “natural”, mas que é produto de um momento social específico. No entanto, é em nome desta identidade que são construídas alianças e moldados projetos econômicos. Cabe ressaltar que o próprio Haesbaert (1988), em um outro texto, assinala que a emergência da identidade regional gaúcha se dá em um momento em que a região da Campanha sul rio-grandense perdia a hegemonia política regional para os descendentes de imigrantes da “Serra Gaúcha”. Ou seja, a identidade está intimamente ligada com o território: na metade sul, de economia pastoril, encontramos os gaúchos. Na região da “serra” industrial e colonizada por imigrantes europeus, os ítalo-gaúchos ou teuto-gaúchos, gaúchos de origem “européia”.

As categorias “italianos”, italiano do Rio Grande do Sul, “talian” ou ítalo-gaúcho são acionadas porque conferem, a seu portador, um maior capital social que o de simplesmente brasileiro. É este acúmulo de capitais simbólicos, econômicos e políticos, que permite que a história da colonização do Sul do Brasil seja contada quase que exclusivamente do ponto de vista deles.

Ao estudar os grupos étnicos, Barth (2000) chama a atenção para a criação e manutenção das suas fronteiras, das linhas divisórias que separam os grupos humanos. No caso específico de Caxias do Sul, houve uma dissolução das fronteiras entre as identidades regionais (na época da grande imigração, apesar do passaporte italiano, as pessoas consideravam-se venetas, trentinas, lombardas, etc.) e a fusão destas identidades em uma nova, a de “italianos” ou “descendentes de italianos”.

Essa fusão ocorreu através de uma alteração dos critérios de pertencimento a uma coletivi-

dade. Não significou, entretanto, uma incorporação plena à identidade nacional brasileira, mantendo-se uma identidade diferenciada, vinculada ao processo migratório.

O importante, na compreensão da invocação da italianidade desses imigrantes, são os sinais diacríticos que o grupo utiliza para delimitar suas fronteiras de pertencimento, a construção de tradições e de sentidos para estas tradições. Para Oro, no entanto:

*(...) os descendentes de italianos do Rio Grande do Sul não negam a sua identidade de brasileiros e, sobretudo de gaúchos. Em verdade, postulam uma identidade étnica plural, considerando-se, ao mesmo tempo, como gaúchos, brasileiros de origem italiana (1996, p.621).*

Tal afirmação se coaduna com as observações de Hall (1999). A etnicidade, vista por este prisma, seria uma forma de reação à homogeneização imposta por padrões sociais dominantes. No contexto das negociações identitárias, a cultura seria um elemento a ser considerado dinamicamente, e não como fonte imutável de pertencimento grupal.

Identidade está relacionada com interesse, e é na arena interétnica que emerge a construção da mesma. Por isto, acreditamos que a reafirmação de uma identidade diferenciada adquire importância justamente quando, com o desenvolvimento da indústria, Caxias do Sul passa a atrair pessoas de diversos lugares e origens sociais.

Estamos analisando, portanto, a construção e reconstrução simbólica de uma identidade ora unívoca, ora hifenizada (cujo pressuposto é de natureza étnica), em parte associada a um grande evento comemorativo que permite atualizá-la no tempo histórico.

Esta construção simbólica, além de reafirmar os valores simbólicos do grupo de descendentes de imigrantes, reforça, junto ao restante da sociedade, a imagem que estes descendentes buscam projetar: são pioneiros, desbravadores e civilizadores de uma terra selvagem, bons trabalhadores e bons católicos. Enfim, mercedores do êxito econômico e do prestígio político e social que desfrutam na cidade.

Contribuíram decisivamente para esta construção a influência da Igreja católica, através de seus colégios e seminários, o desenvolvimento da indústria, que atraiu pessoas de outros lugares, provocando a consciência da diferença e, de certa forma, a cristalização e o elogio da diferença.

Portanto, é importante perceber que, como Weber demonstrou (1997b), os valores orientam a ação, e podem ser fundamentais para definir o padrão de comportamento de uma sociedade. No caso dos descendentes de camponeses europeus, que

imigraram para o estado do Rio Grande do Sul, a experiência da colonização deu origem a um determinado tipo de *habitus* extremamente propício para o desenvolvimento capitalista.

Para os descendentes de italianos que habitam em Caxias do Sul, especialmente para os que moram na região rural do município, o lema de São Bento, “Ora e Trabalha”, é mais que uma inspiração, é o único modo de vida que eles reconhecem como digno. Esta atitude frente ao trabalho contribui para a criação de estereótipos étnicos locais. Contudo, é necessário lembrar que a esfera econômica é apenas um dos aspectos da categorização e de suas consequências. Analogamente ao que Jenkins(1997) aponta para a Irlanda do Norte, em Caxias do Sul o desenvolvimento econômico foi concomitante a uma estratificação social de base étnica.

Ao insistir no étnico, constrói-se simbolicamente a comunidade e escamoteia-se o fato de que nem todos os descendentes de italianos enriqueceram e que houve um processo de acumulação de capital nas mãos dos comerciantes, seguindo-se a tal ganho econômico a acumulação de capital político, social e simbólico (BOURDIEU, 1987). A etnicidade funciona como uma vantagem econômica e está entrelaçada com outros princípios de identificação social, como religião e classe social (JENKINS,1997).

Neste sentido, apesar das transformações da sociedade caxiense, não ocorreram mudanças significativas na percepção da etnicidade. Encontramos em Caxias do Sul uma liderança étnica ligada à burguesia comercial, de origem colonial, com a identidade étnica fornecendo uma rede de proteção social. A etnicidade é mobilizada como recurso pela elite dominante e como estratégia para manter o controle. Neste caso, a cultura é utilizada também como instrumento político (JENKINS,1997).

Deste ponto de vista a etnicidade funciona como uma ideologia, no sentido que Gramsci (1978) dá ao termo, ou seja, como um cimento que unifica as práticas e pensamentos de um determinado grupo social. Surge aí o conceito de lealdade ao grupo e de uma identidade local. No caso do grupo que estudamos, há uma clara hierarquização de identidades: a identidade local sobrepõe-se à regional e à nacional. Consideram que a sua identidade mais significativa é a identidade local de “italianos”, sem contudo renegar seu pertencimento à pátria brasileira. O fato de eventualmente se identificarem como ítalo-gaúchos demonstra a importância atribuída à identidade regional. Contudo, apesar do discurso público de unidade, existem conflitos e disputas sobre quem pode falar em nome do grupo.

Os membros da elite local industriais, polí-

ticos, comerciantes, professores fazem questão de definir-se como ítalo-gaúchos ou, no máximo, como gaúchos de ascendência italiana, e afirmam não fazer distinções com base na origem étnica.

A ascensão econômica e política, da parcela da população local que enriqueceu, torna a sua versão da história da imigração italiana e da colonização de Caxias do Sul hegemônica, a ponto de virar quase uma “História Oficial”, em que são ressaltadas as dificuldades e a união do grupo e apagadas ou minimizadas as dissensões.

Nesta “História” é ressaltado não o contexto em que se deu a imigração e o povoamento de Caxias do Sul, mas as “virtudes inatas” dos imigrantes: trabalhadores, honestos, bons católicos, criativos, persistentes. Tomando como premissa que estas virtudes são transmitidas através do sangue, espera-se que os descendentes de imigrantes mantenham as mesmas qualidades e que os brasileiros, especialmente os descendentes de negros e índios, vistos desde tempos imemoriais como preguiçosos, não as tenham. Ou seja, as orientações valorativas básicas referidas por Barth (2000) e que refletem os estereótipos étnicos locais.

Observamos, neste caso, a imposição da ideologia da classe dominante como senso comum. Segundo a teoria Gramsciana, as ideologias mais ativas e orgânicas interferem no senso comum e nas tradições, e é isto que observamos em Caxias do Sul. As idéias da elite caxiense são, não apenas hegemônicas, mas também parte do senso comum da região. É preciso lembrar, contudo, que, para Gramsci ideologia não é uma “falsa consciência” mas reprodução e transformação (ROUANET,1978).

Nela são reforçadas as marcas identitárias e todo um sistema simbólico que ressalta as diferenças em relação à identidade nacional. Por isto, o destaque é dado ao trabalho, pioneirismo, religiosidade e perseverança, qualificativos que funcionam como sinais diacríticos, que moldam e orientam a construção de uma identidade de ítalo-gaúchos, para os descendentes daqueles imigrantes.

## CONCLUSÃO

Milton Santos (1994) considera que o espaço global é formado por redes desiguais que, estando emaranhadas em diferentes escalas e níveis, sobrepõem-se e prolongam-se em outras redes com características diferenciadas. O que observamos em Caxias do Sul é a sobreposição de redes ligadas à identidade regional (gaúchos), à identidade étnica (descendentes de italianos) e a uma fração de classe social (elite econômica, política e social). Só que, no

caso estudado, ao contrário do que apontava nosso grande geógrafo, as redes locais são mais fortes que as nacionais e transnacionais e é esta hegemonia que permite a manutenção da sua identidade diferenciada e da própria elite.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, T. Terra e povo. In: AZEVEDO, T. et al. **Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1969.
- \_\_\_\_\_. Materiais para o estudo da aculturação de italianos no Rio Grande do Sul. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2., 1957, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade da Bahia, 1957.
- \_\_\_\_\_. Estudos sócio-históricos sobre a colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS, 1., 2., 1979, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: EDUSC, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Italianos e gaúchos**. Rio de Janeiro: INL, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUSC, 1994.
- BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, T. (Org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- COHEN, A. **Custom and politics in urban Africa**. London: Routledge and Kegan Paul, 1979.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- COSTA, R. H. da. **Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- HAESBAERT, R. Ser 'gaúcho' no nordeste. **Travessia**, São Paulo, a. 7, n. 19, maio/ago. 1994.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HALL, S. Ethnicity: identity and difference. In: ELEY, G.; SUNY, R. G. (Orgs.). **Becoming national**. New York: Oxford University Press, 1996.
- JENKINS, R. **Rethinking ethnicity**. Arguments and explorations. London: Sage Publications, 1997.
- MILLS, C. W. **A elite do poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- ORO, A. P. "Mi son Talian": considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: BONI, L. A. de. (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. v. 3.
- ROUANET, S. P. **Imaginário e dominação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- SANDRONI, P. **Novo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1994.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. Imigração, colonização e identidade étnica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 29, 1986.
- \_\_\_\_\_. Imigração e nacionalismo: o discurso da exclusão e a política imigratória no Brasil. In: CASTRO, M. G. (Coord.). **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001.
- VALVERDE, O. **Estudos de geografia agrária brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G. (Org.). **Weber**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997a.
- \_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12. ed. São Paulo: Pioneira, 1997b.
- WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- ZANINI, M. C. C. Ítalo-brasileiros: a revivificação da identidade étnica em Santa Maria-RS. **Travessia Revista do Migrante**, n. 34, maio/ago. 1999.

## TERRITORIO Y ETNIA

**RESUMEN:** Nuestro objetivo en este artículo es pensar en el territorio como producto de la apropiación de un segmento del espacio por un determinado grupo social, que le permita establecer relaciones políticas, afectivas, de identidad y pertenencia. Analizaremos

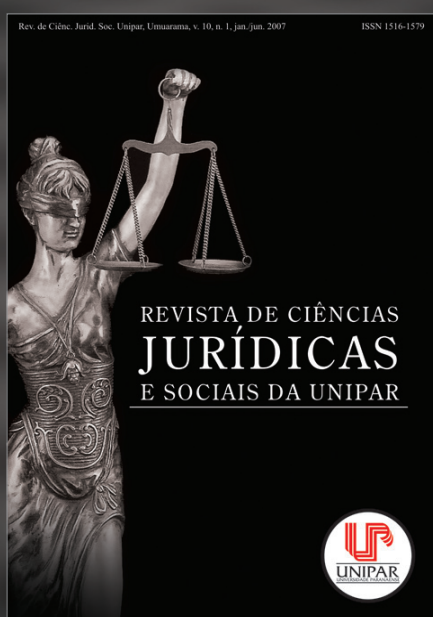


particularmente el caso de la inmigración italiana a la región nordeste del Rio Grande do Sul. Las metodologías utilizadas fueron la etnografía y la investigación bibliográfica y nuestros datos apuntan para una íntima relación entre el territorio y la identidad étnica.

**PALABRAS CLAVE:** Territorio; Etnia; Inmigración.

# REVISTA DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS DA UNIPAR

ISSN 1516-1579



- **Publica trabalhos referentes à área de Direito e Ciências Correlatas.**
- **Periodicidade: Semestral**
- **e-mail: [rcjuridica@unipar.br](mailto:rcjuridica@unipar.br)  
<http://revistas.unipar.br/juridica>**

O CONHECIMENTO NÃO É NADA SE NÃO FOR COMPARTILHADO

